

NO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Luiz Cabral na Coreia

Identidade de pontos de vista sobre o desenvolvimento

Uma total identidade de pontos de vista sobre os grandes problemas do nosso tempo e, em particular, os problemas de desenvolvimento, marcaram as conversações entre os Presidentes Luiz Cabral e Kim Il Sung, durante a visita oficial que o chefe de Estado guineense efectua à República Popular e Democrática da Coreia. Têm estado a decorrer reuniões de trabalho entre as delegações técnicas dos dois países. Espera-se que, no final da visita, seja assinado um acordo geral de cooperação científica e cultural.

(Continua na pág. 8)

ONU pede a Marrocos para abandonar o Sahara

Ibrahim Hakim, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Árabe Sa-harai Democrática (RASD), qualificou de «uma grande vitória» a aprovação pela Comissão de Descolonização da Assembleia Geral da ONU de uma resolução em que pede instantemente a Marrocos para abandonar o Sahara Ocidental.

O ministro saharai sublinhou a importância deste voto, declarando que «é a primeira vez que as Nações Unidas condenaram a extensão da ocupação marroquina à área ocupada pela Mauritânia».

(Continua na página 8)

No termo da visita de Nino Vieira Jugoslávia promete ajuda alimentaria

A Guiné-Bissau deverá receber, até ao fim deste ano uma ajuda do Governo da República Federativa da Jugoslávia, composta de cerca de cinco mil toneladas de cereais e açúcar, dado a problemas de crise alimentar que o nosso país vai enfrentar devido à fraca pluviosidade e irregularidade das chuvas em 1979. Esta informação foi-nos concedida pelo camarada João Bernardo Vieira (Nino), membro do Secretariado Permanente do CEL e Comissário Principal que terminou a sua visita oficial de uma semana a esse país.

Durante a sua estadia na Jugoslávia, foi assinada

do um acordo comercial e, também deverão vir a Bissau alguns técnicos para estudar a realidade guineense e os produtos que lhes interessam para comercialização. O Governo jugoslavo prometeu aumentar a sua ajuda ao nosso país nos domínios de formação de quadros médios e superiores, assistência sanitária e, participação no nosso desenvolvimento económico.

O camarada Nino Vieira, foi recebido pelo Presidente Broz Tito. Na altura o tema central das discussões foram problemas ligados à política internacional, nomeadamente sobre a situação no continente africano e

no Médio Oriente. Seguido o camarada Comissário Principal, que regressou anteontem ao país rodearam as conversações, uma compreensão mútua, dada à nossa política de paz e membros do Movimento dos Não-Alinhados.

De regresso a Bissau o camarada João Bernardo Vieira foi recebido, em Lisboa, pelo presidente português, general Ramalho Eanes. Na altura analisou-se problemas ligados ao andamento das relações entre os dois países, e dos pontos em vista e abordaram-se questões de política internacional maior destaque no momento.

Revolução de Outubro comemorada em Bissau



A Guiné-Bissau associou-se às comemorações do 62.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, que virou a página da História universal, com a edificação do primeiro Estado dos trabalhadores no mundo em 7 de Novembro de 1917 (Outubro no antigo calendário russo).

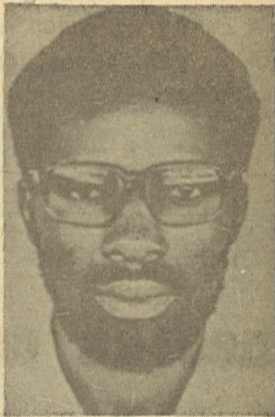
Nas comemorações desta data o nosso povo, bem como a humanidade progressista do mundo juntou-se ao valente povo soviético, que marcha decididamente rumo ao comunismo, meta traçada pelo imortal Lenine. Neste quadro, reali-

Continua na Página 8

Antigos combatentes da Guiné e Angola estreitam laços

Durante alguns dias de contactos entre uma delegação angolana dos antigos combatentes, chefiada pelo Secretário de Estado, camarada José César Augusto Kiluanje e da Guiné-Bissau, dirigida pelo camarada Paulo Correia, Comissário de Estado dos Combatentes da Liberdade da Pátria, estudaram-se as possibilidades do estabelecimento de acordo de cooperação entre os dois países, nesse sector.

O camarada Kiluanje que deixou, ontem, o nosso país, depois de uma visita oficial, a convite do seu homólogo guineense, teve oportunidade de constatar as nossas realizações no domínio dos antigos combatentes e os esforços de engajar os combatentes da liberdade da pátria no processo da reconstrução nacional. «As transformações são imensas e, podemos afirmar que esta visita permitiu-nos adquirir novas experiências porque, em Angola, muito pouco ainda foi feito neste domínio».



Durante a sua permanência na Guiné-Bissau o Secretário de Estado angolano dos Antigos Combatentes e comitiva foram recebidos pelo camarada José Araújo, Secretário Executivo do CEL do Partido, deslocaram-se às ilhas de Bubaque e Bolama, visitaram algumas unidades fabris, cooperativa Francisco Mendes, o centro de prática 3 de Agosto e a alfaiataria dos antigos combatentes, os jardins infantis onde estão internados filhos dos antigos combatentes e, tiveram sessões de trabalho na Amura.

Régis Debray
e a luta
anti-imperialista
(ver centrais)



Abota Nacional
para
monumento
ao Congresso
de Cassacá

(VER PÁGINA 8)

Quando principia a luta contra os grilos

Camarada Director:

Acabaram as chuvas e os grilos já espreitam por aí como acontece todos os anos. Pois eles já chamam por cantinhos sem que as pessoas iniciem a campanha contra eles. Até quando essa iniciativa será fomentada?

Penso que não devemos ficar de braços cruzados à espera que o Comissariado de Saúde e Assuntos Sociais e o Comité de Estado da Cidade de Bissau tomem iniciativas, embora, e é bom que se diga, eles têm ótimas disposições para acabarem com estes desastrosos bichinhos.

Pois é de importância salutar a participação da população da nossa capital nesta campanha evitando esses lixos que se vêm acumulando febrilmente nas ruas. Quero realçar aqui a presença, queria dizer a má presença, dos lixos que se vêm ao longo da Avenida da Unidade Africana e nos quintais das casas que se encontram na mesma avenida, convidando deste modo estes insuportáveis à vida. É com grande assombro que falo na falta da higienidade que vejo nesta avenida, na qualidade de mulher.

Todos nós filhos desta bem amada terra, devemos sentir-nos perturbados com esta evasão e mau cheiro que retira à nossa capital o prestígio que todos nós conhecemos. Não podemos deixar arruinar esta fama, temos, sim, que cuidar deste berço para que os nossos hóspedes possam efectivamente regozijar-se do nome higienidade.

Portanto eu pergunto, até quando esperamos para desencadear a luta contra esta praga que está prestes a assolar a nossa cidade?

Urge tomar medidas mais convenientes a fim de fazermos face a este facto antes que se torne mais negra a maré dos grilos.

Termino deixando bem patente a minha esperança de ver todos nós, especialmente as mulheres, limpando as nossas casas, tanto dentro como fora, a fim de participarmos na luta contra os grilos, e para obtenção de uma vida saudável para todos nós, baseada na limpeza e na higiene.

MARIA DA SILVA

A Guiné-Bissau participa na Conferência da FAO

A Guiné-Bissau estará representada na II sessão de 24.ª Conferência, a realizar de 12 a 29 do corrente mês, em Roma, por uma delegação do Comissariado de Estado do Desenvolvimento Rural, chefiada pelo seu secretário-geral, camarada Avito José da Silva, que para o efeito partiu ontem para a Itália.

Entretanto, o camarada Jorge de Oliveira, responsável pelo projecto de Extensão Rural de Bachele, já partiu no sábado

para participar na reunião do Conselho da FAO que antecede a Conferência. Preve-se nessa Conferência bienal, cerca de 1.500 delegados de todo o mundo.

Constituirão pontos centrais de discussão nessa reunião mundial, a aprovação do orçamento da FAO para 1980/81, cooperação técnica, aplicação das medidas tomadas na Conferência sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Agrícola que se realizou em Julho

passado e problemas relativos à autosuficiência e segurança alimentar nos países em vias de desenvolvimento, dentro das palavras de ordem da FAO, em acabar com a fome no mundo no ano 2000.

No termo da Conferência da FAO, parte da nossa delegação deverá deslocar-se aos Estados Unidos, com objectivo de participar numa outra conferência do Desenvolvimento Rural a efectuar em Nova York, de 25 a 29 de Novembro. O

nosso país está oficialmente convidado a participar nessa reunião, pelo organismo americano de Desenvolvimento (AID).

ACORDOS COM A FAO

Paralelamente à Conferência, o camarada Avito José da Silva deverá assinar com a FAO vários acordos relacionados com a preparação do programa de crédito agrícola, de olicultura palmar e comercialização dos produtos agrícolas.

Escola do Partido organiza cursos de formação militante

A Escola Nacional do Partido iniciou na segunda-feira passada, dia cinco, o seu quarto ano lectivo funcionando em próprias instalações, no antigo Secretariado-Geral do PAIGC em Bissau.

A Escola tem como professores camaradas do Partido Socialista Unificado da Alemanha-PSUA, no quadro de cooperação e de amizade entre aquele partido e o PAIGC. Esta será a primeira actividade da escola durante o ano lectivo corrente. O curso que tem a duração de dois meses, é intensivo e de aperfeiçoamento de professores de Formação Militante em diversos níveis escolares. As aulas funcionam no período da manhã e da tarde num total de sete horas diárias e desdobram-se em conferências, discussões e sessões de auto-estudo.

O curso foi realizado para melhorar o ensino da disciplina de Formação Militante e de um modo geral a preparação

político-ideológica dos nossos estudantes.

As actividades da Escola Nacional do Partido continuam no próximo mês de Janeiro, com um novo curso que decorrerá até Junho. É destinado aos militantes selecciona-

dos pelos Comités do Partido nos locais de trabalho e dos bairros do Sector Autónomo de Bissau.

Recorda-se que está em construção nos arredores da Praia capital da República irmã de Cabo

Verde, a Escola Central do PAIGC. Esse estabelecimento do ensino tem a capacidade para 80 alunos em regime de internato e será equipado pelo PSUA, tanto em material didáctico como em professores.

Terminou o Seminário de Formação de Professores

Terminou, anteontem em Bissau o Seminário para orientadores da Escola de Formação de Professores do Comissariado de Estado da Educação Nacional, que decorreu durante 12 dias numa das salas do Liceu Nacional Kwame N'Krumah. Este seminário tinha como objectivo preparar os orientadores para o novo ano lectivo, analisar o cumprimento de ensino para o primeiro ano de formação, de acordo com as dificuldades encontradas no ano passado, analisar

criticamente os planos e programas, e aprofundar a planificação das aulas e das novas técnicas pedagógicas, além de analisar determinados conteúdos dos programas.

Na sessão de encerramento a camarada Lilica Boal, directora-geral do Comissariado de Estado da Educação Nacional exaltaria a troca de experiências que se verificaram no decorrer desta actividade pedagógica, chamaria a atenção de todos a reterem correctamente tudo o que apren-

deram para o futuro do seu trabalho, com os alunos.

A camarada Lilica Boal suscitou ainda que na medida do possível fossem organizados mais seminários a fim de aumentar os conhecimentos dos nossos professores e deste modo enriquecer o ensino nacional e, por fim, fariam uma breve reflexão sobre a importância da Educação no nosso país como uma das frentes prioritárias na luta pela reconstrução nacional.

Responde o povo

Concorda com os preços da carne?

O preço da carne aumentou no mercado, fixando-se preço diferente para talho e supermercado. Esta questão talvez seja uma comichão na cabeça de muitas pessoas. Por este motivo, «Responde o Povo» recolheu várias opiniões acerca disso. Alguns recusaram-se a falar, com determinação. Outros conformam-se naturalmente com o aumento.

Quanto a Caró, que estava em dúvida se divulgaria o nome ou não e acabou mesmo por não o fazer, a carne não constitui problema para ela. Explicando: «Não posso opinar acerca disso, porque não vou à feira e nunca procurei saber o verdadeiro preço dos alimentos. Segundo ela, encontra tudo em casa e a única preocupação dela é «dar com os dentes». Para finalizar rematou que esta questão devia ser posta às donas de casa.

António Baldé, 22 anos, estudante — O au-

mento do preço da carne virá a constituir um sério problema, para certas pessoas. Por exemplo, para mim, é possível que nunca mais ponha este produto na boca. Isto porque com o preço antigo, só via carne de tempos em tempos.

Ele frisaria que a carne possui muita vitamina, apesar de não menosprezar os outros produtos, mas a carne é o seu alimento preferido. Finalizaria: como hão-de desenterrar os que não pos-

suem dinheiro para comprar carne? Devido a isto tudo, eu não concordo com o aumento da carne. E espero que os responsáveis controlem o peixe com a finalidade de evitar a sua escassez no mercado.

Antónia da Silva, 24 anos, doméstica — Conforma-se com o peixe quando não se pode comprar a carne. «Esta elevação do preço vai-me privar deste produto, apesar de gostar mais de peixe do que da carne».

Em contrapartida, diria que a carne é a melhor alimentação que possuímos no país: mas se o marido lhe der somente 100,00 pesos, a opção não pode ser outra senão o peixe, e uma outra coisa, para variar, de vez em quando, a alimentação da casa.

António Saido, 31 anos, magarefe — Ouve falar deste aumento mas nada posso dizer acerca disso, porque os problemas que até aqui temos encontrado, podem conti-

nuar na mesma. Com este aumento podemos beneficiar e talvez não. Isso depende dos que nos vendem a vaca no interior. Normalmente quando o preço da carne sobe, automaticamente o preço da vaca sobe no interior. É um problema que todos nós vivemos. Se nos trará benefícios é que não sei. Só depois de trabalharmos com este novo preço e em comparação com o preço da compra da vaca é que poderemos opinar, concretamente sobre este problema.

Oito mil imagens para o album emigrante

Um mês de deambulação por nove ilhas do arquipélago, seis mil dólares (230 contos) dispendidos do seu bolso, duzentos rolos com oito mil imagens fotografadas por cada recanto de Cabo Verde, foi o projecto de busca das suas raízes caboverdianas recentemente realizado por um norte-americano de New-Bedford, descendente de um emigrante do Fogo, dos anos vinte, Ronald Barboza. O objectivo é divulgar nos Estados-Unidos lembradas em tantas histórias do seu avô António Canto Barboza, um foguense casado com uma rapariga de Brava, emigrado para a América em 1929 e que em New-Bedford, importante porto de pesca de baleia e primeira comunidade caboverdiana por aquelas

terras, teve 16 filhos e lá morreu sem ter voltado à sua ilha do vulcão.

Ronald foi a Cabo Verde pela primeira vez em 1965, altura em que não conseguiu deslocar-se a Brava, terra ascendente da sua mulher, também caboverdiana. Anos depois, começou a preparação intensiva para a concretização do projecto ousado, até que, em Agosto passado, aproveitou as suas férias de professor de Educação Física num liceu de New-Bedford comprou um arsenal completo de máquinas, fitas, lentes e rolos fotográficos e por Cabo Verde deambulou durante um mês, rodando sem parar 200 rolos de slides e a preto e branco, até a obtenção final de oito mil imagens.

Cabo Verde

Aprofunda-se a cooperação cubana na Educação Saúde e Agricultura

O incremento da cooperação, principalmente nos domínios da saúde pública, educação, transportes e comunicações e agricultura, foi o tema principal da primeira reunião da Comissão Mista Cubano-Caboverdiana que decorreu em Havana.

Por outro lado, a comissão estudou também as possibilidades de cooperação entre os dois países no domínio da pesca, obras públicas e radiodifusão.

No decorrer dessa reunião, Cuba reafirmou, mais uma vez, a sua determinação em ajudar Cabo Verde nesses domínios que, pela assistência técnica (formação profissional, concessão de bolsas de estudo e de estágio), quer pelo fornecimento de documentação e troca de delegações.

No que diz respeito à saúde pública o governo cubano prontificou-se a completar a sua equipa médica em Cabo Verde e em conceder bolsas para especialização em saúde pública e administração hospitalar.

A cooperação a nível da educação vai ser reforçada com a concessão de novas bolsas de estudo, no próximo ano, a continuação da assistência técnica neste domínio

assim como no sector da Educação Física.

A agricultura é o domínio mais amplo da cooperação cubano-caboverdiana. O governo cubano confirmou todo o seu apoio a Cabo Verde nos seus esforços para desenvolver esse sector importante da economia e comprometeu-se a fornecer assistência técnica para o desenvolvimento da avicultura, suinicultura e fruticultura. Foi também acordado um intercâmbio de material vegetal e neste, particular-

mente Cuba ofereceu a Cabo Verde todas as plantas que lhe interessa. Por outro lado, o governo cubano vai enviar técnicos para prestarem a necessária assistência ao mesmo tempo estagiários caboverdianos irão especializar-se nesses domínios.

No que diz respeito aos transportes, Cuba está pronta a fornecer a Cabo Verde assistência no domínio dos transportes marítimos, aéreos e instalações portuárias, com o envio de especialistas.

Ficou também acordado que o governo cubano irá cooperar com Cabo Verde prestando-lhes assistência técnica na comercialização de selos fornecendo-lhes uma vasta gama de documentos que dispõem sobre o domínio.

Ainda durante a primeira reunião da comissão mista houve discussões sobre a possibilidade da cooperação entre os dois países nos domínios da pesca, construção civil e rádio.

Cabo Verde — Angola

Com objectivo de concretizar a proposta angolana de criação de uma empresa mista agro-pecuária angolana-caboverdiana, esteve em Cabo Verde uma delegação do Ministério da Agricultura da República Popular de Angola.

A possibilidade de ceder de algum equipamento agro-pecuário pela parte angolana e de técnicos médios e superiores pela parte caboverdiana, no âmbito de uma cooperação ampla nesse domínio específico foi amplamente debatida, devendo à sua concretização operar-se a curto prazo (pro-

avelmente menos de um ano).

Uma empresa mista agro-pecuária poderá eventualmente surgir do aprofundamento dos debates da Praia, em reunião próxima em Luanda, abordando os instrumentos de contacto entre os dois povos e estreitando a teia dos interesses comuns.

Outro aspecto debatido entre a delegação angolana dirigido pelo camarada Carlos Pomgares, Director Nacional da Organização da Produção Agrária e integrados pelo camaradas Gilberto Lutucuta, Director do Instituto

Médio Agrário de Angola e Luís Bosso do complexo agrário de Cavaco os camaradas Osvaldo Cruz e Flávio Delgado ambos técnicos do Ministério caboverdiano de Desenvolvimento Rural diz respeito ao desenvolvimento agrícola da zona de Kangola conhecido como símbolo de resistência as investidas organizadas do fantoche de Holden Roberto.

Durante a sua estada em Cabo Verde a delegação angolana foi recebida pelo camarada José Pereira Silva, Ministro de Desenvolvimento Rural

Ninguém é insubstituível

Os insubstituíveis, ou seja, aqueles que a si próprios se consideram insubstituíveis, não têm lugar numa organização política como o PAIGC.

O camarada Amílcar Cabral, durante o Seminário de Quadros explicou isso claramente. Se não vejamos:

«Temos que ser capazes de evitar as manias de certos camaradas, de que se eles saírem do posto em que estão, estraga-se tudo, acaba-se tudo. Ninguém é indispensável nesta luta, todos nós somos necessários, mas ninguém é indispensável. Se alguém tiver que ir, que se vá embora e, se a luta parar, então é porque ela não prestava. O único orgulho que nós temos, eu mesmo, hoje, é esta certeza de que, com o trabalho que já fizemos, se eu me fôr embora se eu parar, se eu morrer, ou de-

saparecer, há gente aqui neste Partido que é capaz de andar com ele para a frente. Se não houvesse ainda, que desgraça, ainda não tínhamos feito nada. Porque um homem que fez uma obra que só ele é capaz de continuar, ainda não fez nada. Uma obra vale, na medida em que é obra de muita gente e há muita gente capaz de pegar nela para a levar para a frente, mesmo que uma não saia.

Mas há camaradas que têm manias na cabeça, de que saírem do lugar onde estão,

tudo se estraga. Essa é uma mania que temos de combater, temos que acabar com ela. Isso, para não falar de casos de outros camaradas que se são transferidos para outro lado, pensam logo que vão morrer, porque já criaram todas as condições de trabalho num lado e foram chamados para ir para outro lado. Que inconsciência.

Como se a nossa terra fosse só aquele canto onde ele está. Isso é falta de consciência ainda, da verdade e razão, objectiva e características da nossa luta.

Devemos ser capazes de defender a verdade camaradas, dizer a verdade diante de toda a gente, sem medo, mesmo se depois da verdade apa-

recerem dificuldades. Devemos dizer a verdade cara a cara, concretamente.

Os militantes não devem ter medo de responsável nenhum no quadro do nosso Partido. Quem tem medo é porque não entendeu ou então é porque é covarde de natureza. O nosso Partido deu a toda a gente a mesma força para não ter medo de ninguém, nós dissemos que estamos a lutar para acabar com medo no seio do nosso povo na Guiné e Cabo Verde. Não devemos ter medo de ninguém, nem do Secretário Geral, nem de ninguém. Deve ter respeito como deve ser, porque isso é respeito por si mesmo.



Cabral ca muri



A Grande Revolução de Outubro marca a viragem do capitalismo para o socialismo

Comemora-se hoje na União Soviética e em todo o mundo progressista o 62.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Em 25 de Outubro de 1917 a classe operária da Rússia e o Partido Comunista, com Lenin na vanguarda, fundaram o primeiro Estado Socialista, um Estado de operários e camponeses. O imenso país seria governado doravante pelos soviets de deputados, trabalhadores, órgãos electivos do poder popular.

A Grande Revolução Socialista marcou o derrube do poder dos capitalistas e latifundiários, quebrou as cadeias da opressão, o início da contagem de uma nova época histórica, uma viragem mundial da Humanidade do capitalismo para o socialismo, e o início da construção de nova sociedade. A esta vitória se seguiu anos e anos de trabalho histórico.

CONSTRUTORES DE UM MUNDO NOVO

A vitória da Revolução de 1917 abriu aos trabalhadores a clara perspectiva de sua libertação, da exploração imperialista e da opressão colonial, permitindo-lhes libertarem-se das tenazes do atraso económico e cultural. A liquidação da propriedade privada, a sua substituição pela propriedade social, o que por sua vez pré-determinou o carácter científico e planificado da economia nacional, constituiu a base das transformações sócio-económicas.

Em prazos curtos, a Rússia antes atrasada e semi alfabetada, tornou-se num país com indústria altamente desenvolvida e a agricultura colectividade. Hoje em dia, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tem uma produção industrial maior do que a do mundo inteiro há 25 anos. O gigantesco incremento económico do primeiro país socialista do mundo é resultado da libertação do trabalho do seu povo que compreende que trabalha para o bem-estar geral.

A par do cumprimento das tarefas de desenvolvimento económico, resolviam-se problemas sociais e culturais. Já em poucos anos 30, no período do primeiro quinquénio, desapareceu o desemprego na URSS. Em prazos curtos, praticamente durante a vida de uma geração, foi resolvida a questão da alfabetização, facto que abriu o caminho para um ascenso sem precedentes da cultura e da consciência das massas populares mais amplas. Os trabalhadores passaram a ser participantes activos da vida cultural, criadores dos valores espirituais. Este processo continua invariavelmente a cobrar forças a uma escala cada vez maior.

A experiência da União Soviética atrai a atenção e recebe o devido apreço dos povos recém-libertados. O camarada Amílcar Cabral assinalava, ao realçar o carácter criador da Revolução de Outubro, as realizações históricas do povo soviético e da sua força dirigente o Partido de Lenin, o PCUS que, fiel aos princípios Leninistas e aos objectivos do Outubro, transformou a URSS na força humana mais poderosa voltada para servir a causa da paz, libertação e progresso dos povos, de bem-estar e da prosperidade criadora da personalidade.

O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

O democratismo da sociedade socialista concretizou-se na solução da questão nacional, na garantia absoluta da igualdade de direitos políticos e económicos de mais de cem nacionalidades e nações da URSS. Na base da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, criada em 1922, encontravam-se os princípios do internacionalismo proletário, igualdade e amizade entre os povos. Estas teses leninistas fixadas na Constituição da URSS referem-se à política externa da União Soviética, orientada para o apoio da luta dos povos pela libertação

nacional e o progresso social, pelo seu direito de eles próprios dispor do seu destino.

O Internacionalismo e a solidariedade do povo soviético são patentes na sua atitude para com os movimentos de libertação da África e do Médio Oriente. A posição da União Soviética neste sentido é clara e determinada — ela tudo faz para desenvolver a cooperação amigável e frutífera com países africanos e árabes libertados, apoiando os seus esforços voltados para a consolidação da sua independência política e económica. Isto prova-se também pelos acordos bilaterais da URSS com uma série de países africanos.

Desde o início da nossa luta de libertação nacional que a URSS tem dado uma ajuda consequente ao PAIGC. Agora, totalmente livre e independente, a República da Guiné-Bissau tem sido apoiado em vários níveis pela União Soviética na sua luta pela reconstrução nacional e desenvolvimento.

O lema sobre o direito das nações à autodeterminação e à formação de Estados soberanos, cientificamente elaborado por Lenin, é concretizado na prática revolucionária do Estado Socialista. Este país leva invariavelmente a cabo a política externa de paz e de desanuviamento internacional, ligada indissolubilmente ao apoio resolutivo do movimento de libertação nacional.

Lenin indicou repetidas vezes que «as Revoluções futuras haviam de ter determinadas particularidades que as distinguirão da Revolução Socialista de Outubro, pois, cada povo tem condições singulares, mas as leis gerais e os objectivos principais serão os mesmos». Por isso, a riquíssima experiência dessa vitória e da edificação socialista goza, hoje, dum importância imensa para todos os países. Efectivamente os feitos revolucionários de importância histórica alcançados pelo povo soviético, os seus êxitos na luta pela edificação de uma sociedade comunista, as suas vitórias conseguidas no campo difícil, desconhecido, foram reconhecidos em todo o mundo. Eles são continuação directa da cauda da Revolução de Outubro, a encarnação das ideias do grande Lenin.

SUCESSOS ALCANÇADOS ESTE ANO

Grandes e importantes sucessos foram alcançados no decorrer deste ano na URSS, quer no domínio da agricultura, em que a colheita do arroz ultrapassou o nível médio dos últimos anos, quer no campo da ciência e da tecnologia.

Mais de 700 mil operários foram transferidos para a direcção de equipamento automático e outra técnica moderna. A substituição do trabalho manual é uma tarefa principal do actual plano quinquenal de desenvolvimento sócio-económico que prevê o aperfeiçoamento profissional dos operários não qualificados e a conservação do pleno emprego no país.

Cientistas do centro soviético de gerontologia elaboraram um método para aumentar num terço a duração de vida dos animais de laboratório, enquanto que as investigações de cientistas de Leninegrado provaram a possibilidade de renovação das células do coração. Por outro lado, estão em fase de conclusão os testes do «Aerobus 86» que tem a capacidade para 350 passageiros.

Entretanto, no dia 7, (correspondente, pelo antigo calendário ao dia 25 de Outubro) o povo soviético comemora a sua festa nacional com um desfile militar na Praça Vermelha de Moscovo, manifestações amplas de trabalhadores e festejos populares nas principais praças, parques e zonas rurais. Contudo o mais importante com que os soviéticos costumam assinalar a sua maior festa, são as suas realizações laborais.

Esta data será também assinalada, hoje, em Bissau com uma recepção no salão da UDIB oferecida pelo Embaixador da União Soviética no nosso país, Viatcheslav Semionov, seguido de um programa de filmes soviéticos.

Régis e na América

As linhas de força do movimento dos não alinhados, a questão das relações entre os países produtores e não produtores de petróleo, as lutas de libertação na América Latina e na África — particularmente a luta do Fronte Nacional — a esquerda francesa e o fiasco das últimas eleições legislativas, o eurocomunismo e a terrível situação socialista abordada em Portugal são abordados pelo filósofo francês Régis Debray numa entrevista publicada na revista «Revolution Africaine», órgão da Frente de Libertação Nacional, da Argélia.

Quer pela importância dos temas tratados no decurso da entrevista recolhida em Cuba (que foi da Cimeira dos não-alinhados em que Debray participou como convidado especial do governo de Castro), quer pela personalidade do escritor francês, este documento parece-nos útil para conhecermos os pontos de vista dos nossos leitores. Daí a sua publicação.

Guerrilheiro da caneta, como lhe chamam, «inspector da Revolução», como ironicamente ficou um jornalista italiano, o certo é que Régis Debray dispensa apresentação circunstanciada dos militantes da revolução, especialmente a divulgação da sua obra mais célebre, «Revolução e Revolução». Filósofo, escritor e jornalista, actualmente com 38 anos, Régis Debray combateu a ditadura de Che Guevara na Bolívia pagando por isso 18 meses de prisão. Foi ele também o principal dirigente da luta do Che na Bolívia até quase à sua morte.

A entrevista foi recolhida pelo jornalista líbio R. Sadmi. Eis-la no que consideramos essencial do seu conteúdo:

REVOLUTION AFRICAINE — Que sente você, Régis Debray, perante uma tal reunião na América Latina e particularmente em Cuba que é para si uma segunda pátria?

REGIS DEBRAY — Oh! é principalmente a alegria de ver reunidos na América Latina pela primeira vez, países tão longínquos, tão diferentes, que se encontram tomados por uma dinâmica tão forte como esta da América Latina. Logo, o único facto de esta Conferência se ter realizado em Havana, já me parece qualquer coisa de positivo para o movimento. Mas o que eu sinto, para além desta satisfação, é mais uma certa expectativa. O que se passou a propósito da representação do Kampuchea é de bom augúrio.

R.A. — Porquê?

R.D. — Porque um grande número de países manifestou uma solidariedade, talvez mesmo inesperada, com os países progressistas. Pessoalmente, considero como positivo o facto de o re-

gime de Pol Pot não ter sido admitido.

R.A. — Mas o que também não!

R.D. — O outro facto não, de facto; mas um passo em frente a cadeia deste regime abominável, sobretudo um regime existente. Portanto, considerar-se este como um progresso.

NÃO-ALINHAMENTO UM MEIO E NÃO UM FIM

R.A. — Mas é a sofia do não-alinhamento que permite hoje um vasto reencontro de países heteróclitos, sem essa característica do Movimento aparecendo um outro bloco homogéneo. O que é ser para si o não-alinhamento?

R.D. — Eu não acho que o não-alinhamento possa ser um fim em si mesmo. Eu creio que o não-alinhamento é um instrumento provisório de luta a um certo número de países para se subtrair à dominação imperi-

companheiro de Che Guevara na Bolívia

Bray fala das lutas de libertação na África Latina e dos movimentos populares na Europa

Eu não acredito que o não-alinhamento possa pôr lado a lado, todas as forças e todos os Estados que existem no mundo. O não-alinhamento é um meio para os países antigamente ou ainda colonizados se unirem para encontrar uma capacidade de negociação real, face às antigas metrópoles políticas ou económicas. Neste sentido, eu creio que é um instrumento indispensável e que o não-alinhamento joga um papel importante no mundo actual. Mas não é necessário, de maneira nenhuma, que o não-alinhamento se transforme numa fortaleza cómoda onde as pessoas se contentem em assinar declarações formais, sem futuro.

De qualquer modo é evidente para todo o mundo que a unidade do não-alinhamento é um objectivo a longo termo. (...) A finalidade do não-alinhamento para mim, na fase actual, é servir de barragem aos fomentadores de guerras, às ameaças políticas, militares e económicas que derivam da actual situação mundial em que os países ocidentais testemunham uma agressividade crescente desde há algum tempo para cá.

R.A. — Você acredita na tese da responsabilidade dos países produtores de petróleo pelas dificuldades do Terceiro Mundo?

R.D. — Do Quarto Mundo! Eu não tenho uma formação de economista para vos responder. Mas o que posso dizer é que no plano da economia mundial está provado que a crise do capitalismo principiou antes da revalorização do petróleo em 1973 e que esta revalorização trouxe mais benefícios às companhias, as grandes multinacionais americanas que comercializam o petróleo do que aos próprios países produtores. Dito isto, reconhece-se que existem problemas no seio dos países desprovidos de recursos para poder pagar o preço cada vez mais elevado das suas compras de petróleo. (...) O problema é importante, tanto mais que se sabe

que a balança de pagamentos dos países desprovidos de fontes de energia se torna cada vez mais insustentável.

R.A. — Mudemos tema e de continente. Você escreveu muito sobre a América Latina.

R.D. — Em tempos, sim. Mas há alguns anos eu tenho escrito mais sobre a França e a Europa.

OS VASOS COMUNICANTES DA REVOLUÇÃO

R.A. — E a África não lhe oferece motivos de reflexão?

R.D. — Sim. Mas o acaso conta em grande parte na vida de um homem. E este acaso fez com que eu viesse à América Latina e 1960. De tal modo que as minhas amizades e as afinidades se fizeram naquele continente. É evidente que, enquanto francês, portanto beneficiário do imperialismo, eu devia em princípio estar mais ao corrente das lutas nacionais que se desenrolam no solo africano. Mas eu penso que a dominação do Ocidente industrializado sobre o resto do mundo é um fenómeno planetário e que a luta anti-imperialista não é divisível. Neste sentido, não sinto ter fugido às minhas responsabilidades perante os meus camaradas africanos, antes sinto fazer parte integrante de uma luta que se trava em três continentes. Tudo o que se passa na América Latina tem repercussões directas na África e vice-versa. Eu disse vice-versa porque é bem evidente, por exemplo, que no movimento de emancipação das Caraíbas, como vos disse, as lutas de libertação africana encontraram uma ligação segura tal como noutros tempos no movimento de emancipação dos negros norte-americanos. No movimento de luta em Santa Lúcia, na Dominica, etc. existe uma grande sensibilidade à luta contra o apartheid e contra a dominação. Eníim, são os vasos comunicantes na luta revolucionária mundial.

R.A. — Você tem falado, a toda a hora, da luta na África Austral. Isto é uma omissão face ao que se passa no noroeste da África e sobretudo no que respeita ao povo saharauí?

R.D. — De maneira nenhuma, de maneira nenhuma. Eu próprio estive no segundo aniversário da fundação da RASD, em território saharauí e é evidente que sou um grande admirador da luta deste povo. Para mim, foi uma das mais belas emoções da minha vida ver como está em vias de se constituir uma consciência nacional e está a desenhar-se também uma nova forma de luta, uma nova forma de guerrilha do deserto. Eu penso que os saharauíes trouxeram uma contribuição muito importante à luta revolucionária mundial e eu não duvido nem um só instante da vitória final, mesmo se Hassan II é de opinião contrário. O povo saharauí demonstrou uma maturidade política e uma coragem militar que lhe devem permitir, nos próximos anos, recuperar a sua nacionalidade.

INTERNACIONALISMO BURGUEZ É CONCORRENTE DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

R.A. — Você já esteve alguma vez no Médio-Oriente ou nos campos palestinos?

R.D. — Não. Não tenho nenhuma experiência vivida e não posso fazer mais do que oferecer a minha solidariedade de princípio mas que, infelizmente, é apenas teórica. Para um homem acostumado às lutas em termos simples, diria mais, bem simples, a complexidade do Médio Oriente é um pouco desorientante. A própria complexidade dos dados diplomáticos e políticos torna difícil, por vezes, mesmo no Médio Oriente, o reconhecimento elementar de quem é amigo e quem é inimigo. É patente que os palestinos são as vítimas destas argúcias e destas subtilidades e é também um povo que se encontra como penso, na

primeira linha da luta anti-imperialista pois que se bate contra Israel. Eu falava, há pouco dos vasos comunicantes. A presença israelita na América Latina é um facto conhecido. A presença política e militar dos israelitas ao lado dos ditadores na América Latina é um facto cada vez mais evidente desde á vários anos tanto na Nicarágua de Somoza como na América Central.

R.A. — Entretanto a gente não sabe grande coisa sobre essa presença.

R.D. — Não porque não deixa rasto. É uma ajuda muito discreta e por vezes secreta, mas é uma ajuda em armamento ligeiro e pesado, em acessórios militares, e por vezes, em planos de desenvolvimento económico que estão em vigor, desde há alguns anos, na Guatemala, em Salvador, na Argentina, no Chile, etc. Convém não esquecer que o internacionalismo burguez é um sólido concorrente do internacionalismo proletário e que a palavra «internacionalismo» se conjuga nos dois sentidos.

R.A. — Fale-nos um pouco dessa esquerda francesa de que você faz parte, da sua unidade e das suas perspectivas nas próximas eleições legislativas.

R.D. — A esquerda francesa impôs-se a ela mesma uma derrota, uma auto-derrota nas eleições de 1978 e este é um verdadeiro drama político, podendo mesmo considerar-se como um drama histórico o que teve lugar na França depois de 1977. Quero referir-me à ruptura que foi muito dolorosa para o conjunto dos militantes que assistiram a este desastre na cimeira de que eles eram espectadores de televisão mas certamente que não os protagonistas.

DESCONTENTAMENTO SOCIAL CRESCE NA EUROPA

Este fiasco criou uma recusa da mobilização política mas, não obstante,

a crise económica é tal que o movimento de descontentamento social não cessa de aumentar de amplitude sem encontrar até ao presente uma saída política face à ausência de unidade de acção e unidade de programa do Partido Socialista e do Partido Comunista. Eu tenho sido sempre um partidário resoluto dos movimentos de esquerda. Eu penso que esta é a única via para abordar a formação de um governo popular de maneira realista e por isso esta ruptura do movimento foi sentida como um desastre pessoal pelos milhares e milhares de militantes.

Dito isto, a crise económica é tal, o isolamento do governo e o descontentamento social são tais que a situação actual de divisão não me parece estável nem me parece realista de tal maneira que podemos olhar o futuro com uma prudência ilimitada.

R.A. — O que pensa do eurocomunismo?

R.D. — Oh, o eurocomunismo. Você sabe, é uma fórmula. Ainda não perdemos o senso da realidade.

Sobre o eurocomunismo já se escreveram livros mas ainda não vi o lado prático correspondente a este eurocomunismo. Dito isto, o eurocomunismo parece-me ser uma tautologia na medida em que cada movimento político deve guiar-se e assumir as condições e as circunstâncias históricas e outras. Se um dia o comunismo se torna uma grande força na Europa ocidental isto será necessariamente um euro-comunismo da mesma maneira que se fala um cubano-comunismo em Cuba e se diz que cada país procura uma via e uma linha nacional próprias ou então, se as não encontra, não irá a parte alguma, ficará tal como está.

TENTATIVA SOCIALISTA ABORTADA EM PORTUGAL

R.A. — Pensa que o socialismo é viável e realizável em França?

R.D. — Ele não é cer-

tamente viável no quadro da actual divisão internacional de trabalho e a partir de uma posição de força do imperialismo francês se sonhamos que um movimento popular francês deveria encarar sacrifícios, adoptando uma linha de solidariedade para com os povos e as economias dominadas pelas posições francesas. É por isso que um socialismo consequente não é fácil.

R.A. — E se alinharmos com os optimistas sobre a vitória da esquerda, que tipo de sociedade veria em França?

R.D. — Não, nós não podemos cair na utopia planificadora. Não podemos resolver os problemas do quotidiano. Eu penso que não vale a pena construir cidades ideais no papel. Eu creio que o tipo de socialismo que nós poderemos realizar será determinado pelos votos que tivermos no momento da escolha. Em todo o caso será um socialismo que deverá ter em conta todas as tradições liberais e democráticas francesas.

R.A. — A semelhança do socialismo do tipo português?

R.D. — Oh, não. Não há socialismo em Portugal. Houve uma tentativa que abortou.

R.A. — Algumas análises, no entanto, sustentam que a destruição de um poder opressivo favorece o surgimento de um poder totalmente oposto, justo, democrático.

R.D. — Eu não penso que uma mecânica pendular regule a questão de forma automática de um extremo ao outro. Pelo contrário, a transição para um regime socialista ou socializante necessita de um terreno de luta onde evoluam as forças opostas com as armas tanto ideológicas, como sindicais, económicas e militares. O Portugal que saiu brutalmente de uma longa dominação fascista não tinha conhecido esta preparação.

O socialismo não cai do céu, como os passarinhos não caem já assados na boca.

UDIB, 2 — Ajuda Sport, 1: Triunfo não justificado

A semelhança da jornada anterior, a equipa da UDIB pôs mais uma vez em evidência a sua determinação de averbar os dois pontos, sem se preocupar com a exibição.

O seu antagonista, o Ajuda Sport, suplantou-o de longe, fez, tudo, mas tudo melhor, teve o jogo na mão do princípio ao fim. Só que não conseguiu arrebatar nenhum ponto aos udibistas. Vejamos as ocasiões de golos criadas ao longo desta partida, e que mereceram o nosso registo:

— Aos 6 minutos, surge a primeira oportunidade de golo que o ponta-de-lança do Ajuda, Jorge, desperdiça por atrapalhão;

— Aos 28 minutos, livre marcado junto da linha divisória, por Adão. Herbert finge que vai a bola mas não a toca, deixa-a seguir para Estevão. Este aparece sózinho frente a Brácia, mas deixa-se bater infantilmente pela antecipação do guarda-redes udibista. Dois minutos depois, o mesmo Estevão volta a desaproveitar outra ocasião soberana de golo, e mais uma vez por antecipação de Brácia;

— Aos 12 minutos, é ainda Estevão que não aproveita, apenas com Brácia pela frente, quando «todo o mundo» gritava golo o avançado ajudista

rematou frouxo de cabeça fazendo passar o estérico por cima da baliza, quando podia ter chutado para o melhor sitio;

— Aos 28 minutos, surge a primeira grande oportunidade da UDIB, desperdiçada ingénua-mente por Nuno Helder;

— Aos 30 minutos, segunda oportunidade da UDIB para abrir o activo através de penalte (mais adiante falaremos deste castigo) cobrado por duas vezes sem que Franklin fosse capaz de transformar esta ocasião em golo, chutando para fora, em ambas vezes;

— Aos 48 minutos, primeiro golo da partida. Nelito, Nuno Helder e o guarda-redes Segesmundo, perseguem um cruzamento rasteiro na grande área, mas é o jogador da UDIB que melhor partido tira, ao enviar a bola, com um toque subtil para o fundo das redes;

— Aos 52 minutos, Herbert iguala a partida com um golo espectacular. A bola é pingada para a grande área, falhanço da defesa da UDIB, Herbert surge no flanco esquerdo a dominar com o peito e a disparar imparavelmente para o ângulo contrário.

— Aos 57 minutos, Beto Pontes é solicitado na pequena área udibista e apenas com o guarda-redes pela frente atirou

por cima da baliza;

— Aos 73 e 75 minutos, Estevão bate muito bem em corrida a defesa udibista, mas o seu remate final sai junto ao poste da baliza de Brácia, e na segunda, chutou fraco à figura do guarda-redes;

— Aos 88 minutos, quarta grande oportunidade da UDIB e seu segundo golo que Papa, em nítida posição de fora de

Mas quando aos seis minutos Jorge desperdiçou aquilo que poderia ser o primeiro golo da partida, as intenções defensivas começaram a se fazer notar mais, e foi assim pelo tempo fora. A sua linha avançada que continuava, contudo, a apresentar três homens, ficava perdida no meio da defesa ajudista. Os cen-

sarmado ao jogo sujo: golpes por baixo. Assim não, Papa.

O Ajuda foi descendo, até ao último apito do árbitro, com frequência, à grande área da UDIB. Futebol muito bem apoiado e passes muito bem feitos. Nada de jogo aéreo. Bem, o seu ataque é que não «carburava» muito bem. Recebia passes de «bandeja», e atirava ao lado do poste ou por cima da baliza, ou precipitava-se em desfazer-se da bola, atirando à figura do guarda-redes, ou ainda atrapalhava-se com o estérico acabando sempre por perdê-lo. Estes últimos factos terão sido por medo (?) da defesa udibista que «varia» (Braima e Furé) tudo o que lhe aparecia pela frente.

Aliás, Tatô e Lássana, particularmente este, tornaram-se no decorrer do jogo, especialistas de rasteiras.

Aos 30 minutos, o árbitro que se fartara de errar (não aplicação de cartões amarelo e vermelho a alguns jogadores, particularmente, a Braima e Papa por agressões aos adversários, e Furé por entradas à margem das leis — todos da UDIB), resolveu cometer um dos maiores erros que vimos nesta partida. Assinalou um «penal» inexistente, erro esse que Franklin teve a «amabili-

dade» de rectificar, chutando para fora nas duas vezes, que foi chamado a cobrar este castigo.

Na segunda parte, o Ajuda continuou a pressionar, a jogar bem, a UDIB por seu lado, a não encontrar melhor processo para o seu meio-campo, cujo mau trabalho ia influenciando na acção da defesa.

Na terceira parte do jogo, (parece uma «passada» — história — mas é verdade que existiram três partes neste embate) a UDIB esteve mais perto de mostrar o que vale. A terceira parte, diríamos começou depois do minuto 83, altura em que o árbitro deu por terminado o encontro. Valeu-lhe J. Gomes que foi corrigir o segundo erro de palmatória de Manuel Rodrigues).

Não que a sua acção nestes minutos finais tenha merecido a vitória. Isso não. O empate, que já seria um pesado castigo para o Ajuda, era o máximo que a UDIB poderia justificar.

Já disse-nos como foi a actuação de Manuel Rodrigues. Afirmamos uma vez mais que o seu trabalho foi péssimo. Com isto não queremos desanimá-lo, mas sim fazer-lhe ver quanto terá que trabalhar, ainda, para agradar o público jogadores e a crítica.

| Tabela classificativa | | | | | | | |
|-----------------------|---|---|---|---|----|----|---|
| | J | V | E | D | GM | GS | P |
| UDIB | 3 | 3 | 0 | 0 | 6 | 2 | 6 |
| Cantchungo | 3 | 2 | 1 | 0 | 4 | 1 | 5 |
| Ajuda Sport | 3 | 2 | 0 | 1 | 6 | 2 | 4 |
| Benfica | 3 | 2 | 0 | 1 | 5 | 2 | 4 |
| Ténis Clube | 3 | 2 | 0 | 1 | 6 | 3 | 4 |
| Est. Negra Bissau | 3 | 2 | 0 | 1 | 4 | 1 | 4 |
| Gabú | 2 | 1 | 1 | 0 | 8 | 3 | 3 |
| Bolama | 3 | 1 | 1 | 1 | 6 | 5 | 3 |
| Bula | 3 | 1 | 1 | 1 | 4 | 1 | 3 |
| Bafatá | 3 | 1 | 1 | 1 | 4 | 6 | 3 |
| Balantas | 3 | 1 | 0 | 2 | 5 | 7 | 2 |
| Sporting | 3 | 0 | 2 | 1 | 1 | 3 | 2 |
| F. C. Quínara | 3 | 1 | 0 | 2 | 1 | 6 | 2 |
| F. C. Tombali | 2 | 0 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 |
| Farim | 3 | 0 | 0 | 3 | 1 | 9 | 0 |
| Bissorã | 3 | 0 | 0 | 3 | 2 | 11 | 0 |

jogo, se limitou a confirmar.

Depois de tudo isso pensamos que não restam dúvidas sobre quem dominou mais.

A equipa do Ajuda iniciou a partida com a intenção clara de jogar ao ataque. A UDIB também a s s i m c o m e ç o u.

tro-campistas dificilmente travavam as inteligentes manobras de Beto Pontes (arma secreta dos ajudistas e de Beto Duarte (muito batalhador), secundados por Hemitério.

Lá atrás, Gilmar fez passar despercebida a acção de Papa que recorria sempre que era de-

Estrela Negra, 0 — Quínara, 1

Um ligeiro toque de cabeça de Abdulai, aos 85 minutos, deu dois pontos à equipa de Quínara, que veio o Bissau, derrotar a formação do Estrela Negra num jogo disputado no passado sábado à noite, no «Lino Correia».

O desfecho do despique foi uma surpresa para aqueles que não presenciaram o encontro e que à partida davam vitória aos «estrelas». Também não é menos certo que a equipa de Quínara, que jogou contra o Ténis Clube, não foi a mesma que defrontou o Estrela Negra. O jogadores que vieram no sábado a Bissau são mais fortes e com maior poder de determinação.

Não restam dúvidas nenhuma, que esta equipa do Estrela Negra precisa de um ponta de lança mais fogaço e de um médio que faça parceria com J. João. Além disso, uma equipa que tenha sómente 15 homens federados não poderá ir longe e muito menos se

os homens do banco não constituírem soluções. É o caso do Estrela N. Não houve substituição quando eram necessárias. O resultado final foi muito lisonjeiro para esta equipa que poderia ter saído do rectân-

gulo com um resultado mais expressivo se os quinaristas tivessem um ponta de lança a altura. Arbitragem — Graciano Ramos, auxiliado por: Romão Morgado e Velez **Estrela Negra:** Fidel; Bodjan, Claudio, Eloi, Carlos

lala; J. João, Mama Djaquité e Abdulai; Idrissa, Tony e Bubo. **Quínara** — Una Culoi, Baldé, Paulo, Tambá, e Saido; Abdulai Mané, e Quintino e José Reis; Braima, Armando e Arlindo Agostinho.

Ténis, 2 — Bolama, 1

Marcação de um livre no lado esquerdo do ataque do Ténis. Tadu remata, a bola toma efeito e passa na pequena área. O guarda-redes deixa-a passar e Boaventura leva-a para o fundo das malhas.

Arbitragem — José Paulo auxiliado por Gregório Badupa e Cristiano Mendes. Ténis — Bernardo; José da Costa, Augusto, Emílio e Alberto; José Manuel (Pedro Gomes), Nuno, e Luís Mané; Agnelo (Boaventura), Zito e Tadu.

Bolama: Aniceto, Sahná, Andecer, Mama e Sulai; Ciro, Tony e Vera (Aniceto Gomes); Ocante Beto e Abel (Marcos).

As. A pouco e pouco, o nervosismo dos defesas tenistas veio ao de cima e o perigo rondou a sua área. Na parte do Bolama, o guarda-redes mostrou-se muito inseguro na baliza.

O Ténis abriria o activo aos 20 minutos por intermédio de Mané que oportuno e na linha de golo leva a bola a transpô-la, após confusão na baliza.

Aos 39 minutos Bolama empata. Tony domina com o peito à entrada da área, e a dois passos desta atira para o fundo da baliza. No minuto 78 o remate de Boaventura daria a vitória ao Ténis.

Resultados da jornada

UDIB, 2 — Ajuda Sport, 1; Estrela Negra de Bissau, 0 — Quínara, 1; Cantchungo, 2 — Benfica, 1; Tombali, 0 — Sporting, 0; Bafatá, 3 — Balantas, 1; Farim, 0 — Bula, 4; Gabú, 6 — Bissorã, 1 e Ténis Clube, 2 — Estrela Negra de Bolama, 1.

Totobola

O concurso número oito do Totobola Nacional rendeu 97.463,50 PG, resultante de 2.748 boletins registados, com 30.267 apostas. Desta quantia saíram 6.249 pesos destinados à ajuda para a construção do Estádio Lino Correia. O montante para os prémios ficou em 48.731,50 PG, sendo 24.365,50 PG para cada prémio.

Eis a chave completa deste concurso:

| | | | |
|--------------|-------------|-------|---|
| UDIB | Ajuda Sport | | 1 |
| Cantchungo | Benfica | | 1 |
| Ténis | Bolama | | 1 |
| Farim | Bula | | 2 |
| Gabú | Bissorã | | 1 |
| Beira Mar | Guimarões | | x |
| Porto | U. Leiria | | 1 |
| Rio Ave | Estoril | | 2 |
| Setúbal | Belenenses | | 1 |
| Benfica | Sporting | | 1 |
| Portimonense | Varzim | | 1 |
| Braga | Boavista | | 1 |
| Marítimo | Espinho | | x |

Plano britânico para Irlanda

O governo conservador inglês anunciou no dia 25 de Outubro, a sua intenção de promover uma conferência com todos os partidos políticos do Ulster (Irlanda do Norte) para discutir a transferência de certos poderes para as autoridades locais. Os conservadores prometeram apresentar brevemente um documento de trabalho contendo as propostas britânicas e demarcando as matérias que Londres estaria disposta a aceitar a transferência de poderes. Sabe-se desde já que a manutenção da ordem é um dos domínios em que o governo de Margaret Thatcher não está disposto a abandonar as suas actuais responsabilidades.

A iniciativa foi geralmente bem recebida no Ulster e na República da Irlanda (Dublin). Os observadores salientam que a devolução de determinados poderes de Ulster é necessário para que seja possível avançar para qualquer espécie de reconciliação.

Conferência de Solidariedade é uma vitória para a OLP

-considera Yasser Arafat

A Conferência Mundial de Solidariedade com o povo Árabe e a sua causa central: a Palestina, que decorreu em Lisboa de 2 a 6 de Novembro, constituiu «uma grande vitória e uma viragem histórica da revolução palestina», declarou Yasser Arafat, presidente do Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina (OLP)

O líder da Resistência Palestiniana considera que esta conferência, que reuniu centenas de delegados de todas as partes do mundo, «permitiu fazer

Durante a sua estadia em Portugal, Arafat avistou-se com alguns dirigentes portugueses, nomeadamente o presidente da República, Ramalho

conversações que teve em Lisboa «mostraram a importância que Portugal concede à revolução palestina». Com efeito, as audiências concedidas pelo dirigente palestino aos principais governantes portugueses constituíram de facto um passo no sentido do reconhecimento da OLP.

Ao intervir na sexta-feira passada em Lisboa na sessão inaugural da con-

ferência.

Arafat sintetizou na sua intervenção a luta do povo palestino em regressar às suas terras e organizar o seu Estado independente, descrevendo as diversas guerras de agressão desde 1948 por parte do inimigo sionista com o apoio económico, militar e diplomático do imperialismo norte-americano.

O presidente da OLP salientou que na sexta-feira dos Não-Alinhados, a maioria dos países membros aprovou a luta da nação palestina e afirmou que a paz no Médio-Oriente não poderia ser alcançada sem a realização dos direitos fundamentais e inalienáveis do povo da Palestina.

«Sem o respeito deste princípio, declarou Arafat em nome do povo palestino, jamais haverá uma paz durável nem estabilidade na região do Médio-Oriente que actualmente é um barril de pólvora prestes a explodir». Neste contexto, o líder da OLP apelou aos países da Europa Ocidental a assumirem as suas responsabilidades junto das forças internacionais, adoptando uma posição justa em conformidade com a harmonia já encontrada por parte dos países árabes e africanos Não-Alinhados e do bloco socialista.



Yasser Arafat dialogando com o presidente Eanes

conhecer à Europa Ocidental e ao mundo inteiro a justa luta do povo árabe da Palestina» e qualificou de bastante positivos os discursos das diversas personalidades que intervieram nesta conferência.

Eanes, o Primeiro-Ministro, Lurdes e Pintasilgo, assim como os secretários-gerais dos partidos comunista e socialista portugueses, Alvaro Cunhal e Mário Soares.

Arafat indicou que as

ferência, Yasser Arafat afirmou que «a segurança no mundo depende da solução dos problemas do Médio-Oriente, particularmente o direito do povo palestino de constituir o seu Estado

Consequência da ocupação da Indonésia

Fome e mortes em Timor-Leste

O jornal «Mornig Herald», de Sydney, (Austrália) escreveu na sua edição da semana passada que cerca de 100 mil pessoas morreram no Timor-Leste em consequência da fome e dos combates originados pela invasão indonésia.

Segundo este correspondente, «é provável que 100 mil pessoas tenham morrido em Timor-Leste desde 1975, quer em consequência de combates, quer das doenças e da fome».

Em Díli e arredores, pelo menos 60 mil pessoas encontram-se em situação aflitiva. Uma equipa de acção conjunta CICR-Cruz Vermelha da Indo-

nésia está lá para prestar apoio, e o pessoal médico começou a fazer registo das populações das aldeias que vão ser contactadas pela Cruz Vermelha por via terrestres.

A equipa do CICR, constituída por um médico, uma enfermeira e um especialista em matéria de apoio, encontram-se em Díli desde 8 de Outubro, e já criou um dispositivo logístico necessário à distribuição de socorros.

A Indonésia admitiu, que era geral a fome na antiga colónia portuguesa de Timor-Oriental, e lançou um apelo ao auxílio estrangeiro.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Mochtar Kusumaatmadja declarou a repórteres que a situação em Timor-Leste poderia ser ainda pior do que no Kampuchea devastado pela guerra.

A quarta comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas votou no dia 31 do mês passado um projecto de resolução sobre a situação de Timor-Leste que deverá, como no ano passado, ser aprovada por uma maioria de 55 a 60 países.

Esta resolução muito semelhante a do ano passado, exige que seja con-

cluída a descolonização de Timor-Leste de acordo com a resolução da ONU, designadamente o princípio 15/4 sobre autodeterminação dos povos.

Os países Ocidentais como tem acontecido nos últimos dois anos, deverão abastecer-se na votação e os vizinhos da Indonésia — Austrália, Nova Zelândia, Tailândia, Singapura e Índia, entre outros, votarão contra.

Pensa-se entretanto, em meios diplomáticos da ONU, que este projecto não vai alterar sensivelmente a situação de Timor-Leste.

Esses meios consideram com efeito, parecer existir um interesse da parte de determinadas forças, no sentido de encontrar um processo legal apropriado a legitimar para sempre a invasão e agressão exteriores e a integração de Timor-Leste na Indonésia.

Se a anexação de Timor-Leste pela Indonésia vier a ser encarada como um facto consumado, será um dos poucos exemplos de uma mudança de fronteiras pela força de armas desde a Segunda Guerra Mundial e a Fundação das Nações Unidas.

Ange Patasse, um dos líderes da oposição ao novo regime centro-africano, encontra-se preso na prisão de Ngaragba em Bangui e os seus partidários recebem pela sua vida. A sua família que também estivera detida já foi libertada. Todos os simpatizantes do movimento de Patasse foram presos ou estão sob residência vigiada. (FP)

DEMISSÃO DE BAZARGAN

O iman Komeiny aceitou antontem a demissão do governo de Mehdi Bazargan e encarregou o Conselho da Revolução de dirigir os assuntos do Estado. Komeiny indicou que o Conselho da Revolução deve preparar o referendo constitucional, as eleições legislativas e presidenciais. Entretanto a missão governamental encarregada de resolver o problema kurdo deve prosseguir a sua missão. (Tass)

REUNIÃO DA OUA

ADDIS ABEBA — Encontra-se reunido o Comité Consultivo da OUA para as questões financeiras e orçamentais. O comité discute a realização de um encontro de peritos jurídicos para a elaboração da carta da OUA sobre os direitos do Homem e do encontro de peritos jurídicos e financeiros para a criação de forças panafricanas de segurança. (Tass)

PROBLEMA DA MANCARRA

DAKAR — Os meios de remediar a baixa de qualidade e de quantidade da mancarra e de fazer face à concorrência da soja e do girasol, são os principais temas de uma série de reuniões do Conselho Africano da Mancarra, que decorrem na capital senegalesa. (FP)

UNIVERSIDADE DOS MUTANTES

DAKAR — O arcebispo brasileiro Dom Hélder Câmara, o escritor martiniquense Aimé Césaire e o historiador voltaico Joseph Ki-Zerbo fazem parte dos animadores da segunda sessão da Universidade dos Mutantes que decorre na ilha de Goré, ao largo de Dakar. A universidade, que prega o diálogo de culturas, foi criada por iniciativa do filósofo francês Roger Garaudy e de Leopold Sedar Senghor, presidente do Senegal, com o apoio da UNESCO. Esta nova sessão durará três meses. Cerca de 30 estudantes de 16 países de África, do Canadá e da França participam nos trabalhos. (FP)

Abota Nacional para monumento a Cassacá

De 13 a 17 de Fevereiro de 1964, um ano após o desencadeamento da luta armada de libertação nacional na nossa terra, realizou-se na tabanca de Cassacá, na zona libertada de Ketáfine, a Sexta Conferência Geral de Quadros do Partido.

Reunida durante a batalha de Como e a poucos quilómetros do teatro das operações, sob a presidência do Secretário Geral do PAIGC, camarada Amílcar Cabral, essa conferência foi, mais tarde, pela representatividade dos seus participantes e importância das suas decisões, considerada como o I Congresso do nosso Partido.

Com efeito, desmascarando os graves desvios aos princípios do PAIGC cometidos então por alguns responsáveis, defendendo intransigentemente a pureza do Partido e dos seus objectivos, Amílcar Cabral levou o Congresso de Cassacá a adoptar uma série de resoluções que viriam a dar uma nova dinâmica à nossa luta, tanto no plano político e administrativo, como no plano militar. Assim, o Congresso centralizou o comando da luta armada, criou as Forças Armadas Revolucionárias do Povo integrando a Milícia Popular e o Exército Popular e tomou uma série de decisões visando a transformação radical da vida do nosso povo nas áreas libertadas, tais como o aparecimento das escolas de tabanca, dos primeiros hospitais, postos sanitários e depósitos dos Armazéns do Povo.

O Congresso de Cassacá, que representou um verdadeiro renascimento do nosso Partido é, pois, um facto transcendente da gloriosa luta de libertação nacional do nosso povo.

Por esta razão, o Partido e o Governo decidiram comemorar, em Fevereiro do próximo ano, o 16.º aniversário do Congresso de Cassacá, estando prevista, para além de outras iniciativas, a construção naquela localidade de um monumento evocativo da histórica reunião.

Para custear o referido monumento, foi decidido lançar um abota (subscrição pública), denominado **Abota Nacional** dando possibilidades a todo o nosso povo e aos amigos estrangeiros que vivem na nossa terra de participarem nesta acção de grande significado.

Aos militantes, candidatos e simpatizantes do Partido, aos membros da JAAC, da UNTG e da Comissão Nacional das Mulheres, aos trabalhadores do sector público e privado, a todo o nosso povo, apela-se, pois no sentido de se mobilizarem para a concretização desta iniciativa.

As contribuições devem ser entregues na Comissão Nacional para as comemorações do 16.º Aniversário do Congresso de Cassacá, sediada no Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau, ou enviadas para a conta bancária Dec./07/5410.

Vamos, camaradas e compatriotas contribuir para o **Abota Nacional**, participando assim, desde já, na preparação das comemorações do 16.º aniversário do Congresso de Cassacá!

Vamos todos tornar realidade o monumento evocativo do I Congresso do PAIGC, o Congresso de Cassacá!

Polisário é o único representante do povo do Sahara Ocidental

-reconhece a ONU

A resolução, aprovada por 83 votos a favor, cinco contra e 43 abstenções, pede a Marrocos que se comprometa, como o já fez a Mauritânia, na «dinâmica da paz» e a pôr termo «à ocupação do Sahara Ocidental».

Votaram contra a moção Marrocos, Gabão, Zaire, Arábia Saudita e Guatemala. O texto «deplora vivamente» o agravamento da situação «que decorre da persistência da ocupação ao território do Sahara Ocidental por Marrocos e da extensão desta ocupação ao território recentemente evacuado pela Mauritânia».

A resolução recomenda que a Frente Polisário, como representante do povo do Sahara Ocidental, participe plenamente em toda a busca «de uma solução política justa, duradoura e definitiva do problema, de acordo com as resoluções da ONU, da OUA e dos Não-Alinhados».

OFENSIVA MARROQUINA

Contrariamente à proclamada vontade do rei Hassan II de buscar uma solução pacífica para o conflito do Sahara, anunciada na segunda-feira pelo presidente Tolbert, o regime marroquino no sábado passado fez um ataque maciço no Sahara Ocidental com um exército de 7 mil homens. Esta operação militar é a maior até hoje realizada desde o início do conflito em 1975.

As tropas marroquinas são apoiadas por 1510 tanques e carros blindados de guarnições militares já existentes na zona. O coronel Ahmed Dlimi, chefe da operação militar que tem o nome de «Ouhoud», afirmou que esta será levada a cabo, custe o que custar. A zona situa-se ao longo de mais de 500 quilómetros da fronteira com a Argélia e a Mauritânia.

CN da JAAC reúne-se amanhã

Começa amanhã em Fulacunda (região de Quínara), prolongando-se até sábado, dia 10, a segunda reunião ordinária da Comissão Nacional da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC).

A apresentação e discussão de relatórios por departamentos e regiões, apresentação discussão e aprovação do Organograma Geral da nossa organização juvenil, o sistema único de informação, o regulamento de estrutura e funcionamento do Comité Juvenil de Solidariedade, o plano de actividades para 1980, o regulamento de estrutura e funcionamento de Associações Juvenis Cultural

e Desportivo e plano de implantação para o próximo ano, são os pontos a abordar nesta reunião.

A Comissão Nacional, durante a sua segunda reunião ordinária, discutirá ainda o regulamento da Comissão Nacional de Verificação e Controle (CNVC), aprovará o plano de emulação patriótica após discussão, e verá o plano para o próximo ano, além da situação dos quadros da JAAC.

COMISSÃO NACIONAL

A Comissão Nacional é eleita pela Conferência Nacional órgão máximo da nossa organização da juventude, a nível da

Guiné-Bissau. Tem 37 membros efectivos e cinco suplentes, com um mandato de quatro anos. Reune-se ordinariamente duas vezes por ano por convocação do Secretariado Nacional e extraordinariamente sempre que for necessário. Ela orienta e controla superiormente, todos os organismos inferiores a nível das regiões, sectores, secção e bases, sendo responsável pela formação ideológica dos quadros e militantes e pelo trabalho a realizar com todos os jovens e crianças do país. Recorde-se que a sua primeira reunião extraordinária teve lugar em Bissau, em Maio deste ano.

Breves

SOCIEDADE MISTA DE PESCA

Os princípios orientadores para a cooperação económica no domínio das pescas, com a criação de uma sociedade mista guineo-portuguesa a formação de quadros no sector e a actividade de navios portugueses nas nossas águas territoriais foram os principais pontos discutidos nas conversações, em Bissau, entre delegações da Guiné-Bissau e de Portugal.

A delegação portuguesa que deixou ontem o nosso país era chefiada pelo director do Serviço de Relações Internacionais da Direcção das Pescas, Rua Cabeçadas, e a parte guineense, dirigida pelo Secretário de Estado das Pescas, camarada Joseph Turpin.

No que respeita à criação da sociedade mista de pesca as duas delegações acordaram na necessidade de proceder, de imediato, a um estudo técnico-científico do projecto, não só para fundamentar os termos em que se iniciarão os meios próprios da empresa mista, mas também para quantificar devidamente os custos e proveitos da fase de arranque com base na utilização dos meios disponíveis. Esta empresa terá a vocação de abastecimento do produto no mercado interno e exportação para o mercado internacional, contando com o sector de captura, conservação e tratamento.

Presidente Luiz Cabral na Coreia

(Continuação da 1.ª página)

Está prevista a vinda a Bissau de uma delegação técnica coreana para efectuar um estudo dos nossos problemas.

Segundo o editorial publicado num diário coreano, «Roding Sinnum» esta visita constitui «um motivo de transcendente importância para o fortalecimento e o desenvolvimento das relações de amizade e cooperação entre os povos da Coreia e da Guiné Bissau e, uma manifestação de amizade entre os povos dos dois países, que dia a dia cresce e se cimentam.

Depois de ter visitado a capital coreana, o camarada Presidente do Conselho de Estado deslocou-se a algumas províncias a fim de conhecer unidades de produção daquele povo. Anteontem, de manhã, a comitiva presidencial esteve numa unidade militar

equipada com artilharia costeira e numa fábrica de construções mecânicas. À noite, o Comité Popular da Província de Hamheung ofereceu um banquete em honra do Presidente Cabral. Ao usar da palavra o presidente desta província falou da coragem do nosso povo, da derrota infligida aos colonialistas portugueses, na guerra de libertação da nossa pátria, e dos sucessos na obra de reconstrução nacional.

A cooperação entre os dois países, cimentada na luta comum contra o imperialismo e o activo apoio da Guiné-Bissau à República Popular e Democrática da Coreia pela reunificação pacífica e independente da sua Pátria, foram vivamente recordados pelo presidente daquela província. Saliente-se que milhares de pessoas gritando palavras de ordem e acenando com bandeiras dos dois países, prestaram uma

calorosa e fraterna recepção à comitiva guineense à sua chegada a Hamheung.

Luiz Cabral visitaria, ainda, um complexo de fibras sintéticas extraídas da hulha e a fábrica de artigos plásticos onde trabalham somente combatentes pela liberdade da Coreia. Na ocasião, o Presidente dirigiria algumas palavras de encorajamento aos mutilados «porque para nós na Guiné-Bissau, onde há também mutilados da guerra de libertação, é encorajador ver como os heróis, aqueles que ontem foram os melhores, continuam a dar o exemplo na construção da nova sociedade.»

Por outro lado, no quarto dia da sua visita o «leader» da nação guineense esteve

na cooperativa de Tcheugsan e no centro de regas Kyiang. À tarde visitou o instituto nacional de economia, local que percorreu demoradamente e, à noite, assistiram a uma sessão cinematográfica dedicada exclusivamente à Revolução Coreana.

Durante a visita a Tcheugsan, respondendo às palavras pronunciadas pelo presidente desta cooperativa, Luiz Cabral falaria do engajamento dos camponeses à nossa luta, cabendo-lhes o papel principal da luta, como principal fonte de abastecimento ao PAIGC. Seguidamente disse que os camponeses da nossa terra seriam os primeiros beneficiários da independência do nosso país, tal como foram os camponeses coreanos.

Revolução de Outubro

(Continuação da 1.ª pág.)

zou-se na segunda-feira passada, dia cinco, uma sessão solene na Base Aérea, organizada pela Associação de Amizade Guiné-Bissau-URSS, e sob a presidência do camarada Júlio de Carvalho, do CSL do Partido e presidente da Assembleia-Geral daquela associação. Também presente o camarada Otto Scharcht, do CEL do Partido e Secretário do Conselho Nacional do PAIGC.

No decorrer da sessão falaram os camaradas Amélia Araújo, em nome da direcção da Associação; Viatcheslav Semionov, embaixador da URSS

no nosso país, o embaixador dos Negócios de Cuba na Guiné-Bissau. Todos os intervenientes realçaram a importância da Revolução de Outubro e os progressos alcançados pela RDA e o encargo pelo povo soviético.

Entretanto, na terça-feira à noite, foi projectado na UDIB um programa de filmes soviéticos e o embaixador da URSS ofereceu uma recepção no salão da UDIB, em que participaram dirigentes do Partido e do Estado e representantes das FARP e de organizações de massas.

(MAIS NOTÍCIAS CENTRAIS)